

I

«Oh, não comeces já a inquietar-te», queixou-se Kitty. «Nos tempos que correm, se uma mulher se vai preocupar só por não receber carta do marido há quinze dias! ... Além disso, se ele estivesse nalgum lugar interessante, onde houvesse combates a sério, de certeza que arranjaria maneira de mo fazer saber, em vez de dizer apenas que está “algures em França”. Ele há-de estar bem.»

Estávamos sentadas no quarto do bebé. Eu não tinha intenção de voltar a entrar lá depois da morte da criança, mas deparei subitamente com Kitty a introduzir a chave na porta e detive-me a olhar lá para dentro, para aquele quarto de tecto alto, pintado de branco e de cores claras, tão insuportavelmente alegre e familiar, e que permanece, em todos os aspectos, como se ainda houvesse uma criança em casa. Era o primeiro dia bonito de Primavera, e o sol que atravessava as janelas de ogiva e as cortinas às flores era tão radioso que, noutro tempo, um punho rechonchudo ter-se-ia decerto erguido para apontar as translúcidas auréolas dos botões de rosa; o sol projectava grandes charcos de luz no soalho de cortiça azul e nos fofos tapetes estampados com animais estranhos, e desenhava raios dançarinos nas paredes pintadas de branco e azul, que teriam sido contempladas gravemente durante horas e horas. Incidia

no cavaleiro de baloiço, que Chris considerara uma prenda adequada para o primeiro aniversário do filho, revelando toda a beleza da sua superfície sarapintada; apanhava Mary e o seu cordeirinho na otomana forrada a chita. E no rebordo da lareira, sob a prezada gravura do tigre a rosnar, em posturas ao mesmo tempo abruptas e relaxadas — como se estivessem dispostos a divertir o dono com as suas brincadeiras mas não conseguissem impedir-se de dormitar num dia tão quente — estavam o urso de peluche, o chimpanzé, o cão branco de lã e o gato preto cujos olhos rolavam. Estava tudo ali, excepto Oliver. Dei meia volta, para não interromper a visita de Kitty ao seu morto.

Mas ela chamou-me.

«Jenny, vem cá. Vou secar o cabelo.»

E quando olhei de novo vi que o seu cabelo dourado estava caído sobre os ombros e que ela trazia sobre o vestido um casaco de seda estampado com botões de rosa. Parecia uma rapariga numa capa de revista, a tal ponto que quase esperei ver algures no seu corpo uma etiqueta marcando «7 pence». Kitty empurrou a cadeira de vime da ama do seu lugar junto à cadeira alta, colocando-a em frente à janela do meio.

«Venho sempre para aqui depois da Emery me lavar o cabelo; é o quarto mais soalheiro da casa. Preferia que o Chris não tivesse insistido em conservar o quarto como está, quando já não há nenhuma hipótese...»

Sentou-se, atirou o cabelo sobre as costas da cadeira, para que lhe desse o sol, e estendeu-me a sua escova de concha de tartaruga.

«Sê boazinha e escova-me o cabelo. Mas com cuidado, que a escova prende muito.»

Peguei na escova e fui até à janela, encostando a testa à vidraça e olhando distraidamente a paisagem. Provavelmente conheceis a beleza daquela vista, pois quando Chris remodelou Baldry Court, após o seu casamento, entregou o projecto

a uns architectos mais atreitos ao olhar conhecedor do manicuro do que à visão selvagem do artista, e juntos arranjaram maneira de converter aquele adorado espaço em objecto de infindáveis reportagens fotográficas para jornais ilustrados.

A casa situa-se no alto de Harrow Weald, e das suas janelas a vista estende-se por quilómetros de húmidos e brilhantes pastos cor de esmeralda, interrompidos, ao longe, por um alinhamento de bosques e de suaves colinas, azuladas pela distância; mais perto da casa o olhar abrange o aprazível decoro do relvado e dos cedros do Líbano, cujos ramos são como a escuridão tornada palpável, assim como a cominatória magreza dos pinheiros no bosque, que se estendem colina abaixo até às margens do lago, numa cerrada textura de púrpuras e castanhos.

Nesse dia esta beleza parecia-me um insulto pessoal porque, como a maioria das inglesas desse tempo, eu aguardava ansiosamente o regresso de um soldado. Indiferente ao interesse da nação e a tudo o que não fosse o anseio que sentíamos por ele, eu gostava de poder tirar da guerra o meu primo Christopher e encerrá-lo no prazenteiro verdor que eu e a sua mulher tínhamos agora diante dos olhos. Nos últimos tempos, eu tinha tido pesadelos com ele. Nos meus sonhos, via-o a correr sobre a escura podridão da terra-de-ninguém, de volta para a trincheira, aterrorizado por ter visto uma mão decepada; ele corria sem olhar para o chão, com medo de deparar com a atrocidade de uma cabeça insepulta, e só depois de muito horror é que, no meu sonho, o via resvalar sobre os joelhos para a segurança da trincheira — se é que se lhe podia chamar segura. Porque nos documentários sobre a guerra eu tinha visto soldados a deslizarem lentamente pelos parapeitos das trincheiras, e só o mais empedernido dos filósofos diria que eles tinham com isso alcançado a segurança. E quando escapava do pesadelo, era só para ficar rigidamente deitada, recordando histórias que ouvira na voz juvenil — ressoando

indómita, mas com a maior parte das suas notas alegres abafadas — do oficial subalterno de hoje em dia.

«Uma noite, estávamos todos num celeiro quando caiu uma bomba. Um meu camarada gritou “*Ajuda-me, amigo, perdi as pernas!*”, e eu só lhe pude responder *Não posso, amigo, que perdi as duas mãos!*»

Bom, são estes os sonhos das inglesas de hoje; eu não me podia queixar. Mas ansiava pelo regresso do nosso soldado.

Por isso disse, «Quem dera que o Chris desse notícias. Já passaram quinze dias desde a última carta.»

Foi aí que Kitty se queixou, «Oh, não comeces já a inquietar-te!», inclinando-se depois para o seu reflexo no espelho de mão como quem se reanima com o odor de umas flores fragrantas.

Tentando construir à minha volta um pequeno globo de serenidade como o que sempre enclausurava Kitty, pus-me a pensar em tudo aquilo que de bom restava ainda nas nossas vidas apesar da ausência de Chris. Segui com o olhar os velhos tijolos do muro do jardim, por entre as árvores, e ocorreu-me que, ao termos cuidado daqueles jardins que se estendiam, tão bem tratados como mãos de mulher, pela vertente sul da colina, eu e Kitty tínhamo-nos mostrado dignas da geração anterior — a que construía a velha casa no topo da colina, rodeada de beleza por todos os lados. E havíamos feito muito pela nova casa.

Os meus pensamentos moviam-se de quarto em quarto como um gato a ronronar, esfregando-se em todos os frágeis e belos objectos que havíamos resgatado à antiguidade ou exumado dos obscuros túmulos do moderno artesanato, e deleitando-se nos tecidos que tão solenemente havíamos escolhido, de cores tão puras e intensas que pareciam irradiar o calor de um dia de sol. E mesmo numa altura como aquela, em que gastar dinheiro parecia um pouco indecente, eu não conseguia pensar nessa beleza sem me sentir orgulhosa.

Estava convencida de que não se nos podia acusar de ostentação, pois tinha sido para Chris que preparáramos aquele bonito cenário, um pedacinho de mundo suficientemente agradável, pelo menos no tocante ao aspecto material, para corresponder à admirável bondade do meu primo.

Aqui tínhamos estimulado a inigualável amabilidade que caracterizava Chris — nele tão habitual que se confundia com uma característica física — ao mesmo tempo que encarávamos qualquer recaída sua no mau humor como uma calamidade tão alarmante como um acidente em que se partisse uma perna. Aqui tínhamos tornado inevitável a felicidade de Chris. Eu podia fechar os olhos e recordar inumeráveis provas do nosso sucesso a esse respeito, pois nunca houve homem tão manifestamente satisfeito como ele; recordar o modo como se demorava ao pé de nós, de manhã, deleitando-se, enquanto o automóvel ronronava à porta, com os efeitos atmosféricos na familiar envoltura das coisas, pois as divisões da casa ardiam em cintilações variegadas no mais sombrio dia de Inverno, e nem o Verão mais ferozmente abrasador lograva consumir a fresca humidade dos frondosos recantos do nosso jardim; podia recordar o modo como ele, a meio de uma grande recepção, nos dirigia um secreto sorriso, como se soubesse que jamais vacilaríamos na nossa missão de o retemperar; ou recordar as coisas que ele fizera naquela manhã de há um ano, quando partira para a frente de combate...

Primeiro, tinha-se sentado na sala matinal a conversar conosco enquanto olhava para o relvado, que mostrava já a desolação de um palco vazio, embora ele ainda não tivesse partido; depois levantara-se de súbito para dar uma volta pela casa, espreitando várias das suas divisões. Foi às cavalariças e contemplou os cavalos, ordenando também que lhe trouxessem os cães; mas absteve-se de os afagar ou de falar para eles, como se se sentisse já infectado pela esqualidez da morte e não quisesse contaminar a radiosa saúde física dos animais.